JORNAL TRIBUNA de Macau
JORNAL TRIBUNA DE MACAU ONLINE N°3575 (Nova Série), Terça-Feira, 5 de Outubro de 2010

HOME
PRIMEIRA
ESPECIAL
OPINIÃO
LOCAL
DESPORTO
ACTUAL
CAPRICÓS
TEMPO
ÚLTIMA
PUBLICIDADE
EDIÇÕES ANTERIORES
procurar JTM
Pesquisar

RECORDANDO A ÚLTIMA ENTREVISTA DE HENRIQUE DE SENNA FERNANDES AO JTM

Presença portuguesa “mantém segundo sistema”

“É a presença portuguesa em Macau que “mantém o segundo sistema” em funcionamento. Assim salientava, numa entrevista concedida conjuntamente a José Costa Santos, da Lusa, e a Sérgio Terra do JTM, publicada neste jornal no dia 26 de Abril de 2004, o advogado e escritor Henrique de Senna Fernandes enunciando que a presença portuguesa em Macau é essencial à manutenção do modo de vida local, por isso sentiu “receios” a poucos anos da transferência da Administração para a China e mágoa pelo desaparecimento dos símbolos portugueses de Macau

Naquela que foi uma das últimas grandes entrevistas concedidas aos jornais de Macau, o decano dos advogados em Macau recordou alguns momentos menos conhecidos da sua vida, revelando uma memória que remontava à década de 1920. As primeiras imagens que relembrou eram as do “primeiro cinema em edifício de tijolo” existente em Macau, que se situava onde agora existe o Banco Tai Fung, na Avenida Almeida Ribeiro. “Até aí, os cinemas funcionavam apenas em barracões. Lembro-me ainda de ter visto um filme de cowboys num cinema que era explorado por Lim Ieoc. São recordações de coboiadas fantásticas.”

A Macau anterior à Segunda Guerra Mundial era recordada por Henrique de Senna Fernandes como “uma cidade muito arborizada”, onde se vivia bem: “Eu vivi em várias casas, mas a minha memória primeira é de uma casa na Praia Grande, que actualmente já não existe. Foi destruída. A Macau de hoje já não é a mesma daqueles tempos... Claro, eu tenho uma riqueza que ninguém me tira, que são as minhas memórias. Vivi numa Macau muito, muito diferente.”

Nascido em 1923, o escritor lembrava ainda os banhos na praia macaense da “Boca do Inferno”, entretanto desaparecida, e de um “carolo” que levou “de uma professora que era simplesmente horrível, ‘bera’ ao máximo”, por “não saber onde ficava a estação de comboios de Mogofores”. Anos mais tarde - quando já em Portugal viajou de comboio entre Coimbra e o Porto - aumentou a perplexidade por ter percebido que tinha “apanhado” por uma estação tão insignificante.

A boa vida de Macau, foi interrompida pelo eclodir da II Guerra Mundial. No período da ocupação japonesa de Hong Kong, a família perdeu a fortuna amealhada ao longo dos anos. Dessa altura, o advogado rememorava ter passado frio e fome e ter visto a administração portuguesa ignorar muitas famílias macaenses apesar do apoio que deu a muitos súbditos britânicos, oriundos de Hong Kong. Macau foi então “transformada num verdadeiro centro de refugiados, e todos os clubes ficaram abarrotar de portugueses que fugiam de Hong Kong... e daqueles que não eram portugueses mas que se registaram no consulado de Hong Kong”.

Depois de quatro anos perdidos pelas dificuldades da guerra (podia ter começado os estudos universitários em 1942, mas só o fez em 1946) foi estudar Direito para Coimbra, onde fez amizade com Agostinho Neto e Carlos Wallenstein. Mas cedo se apercebeu que a sua vocação não era a advocacia, que exerceu em Macau durante mais de 50 anos, mas antes a docência. “Hoje não estou arrependido de ter feito o curso de Direito. Vim para Macau e consegui ter alguma independência económica devido à advocacia mas a minha vocação realmente era para ser professor”, dizia. A outra vocação, “descoberta desde muito pequeno”, era a escrita, como veio a provar sobejamente ao longo da sua vida, enquanto autor de alguns dos melhores livros jamais escritos sobre Macau.

Frisando que “Macau não ficou a perder com a transferência de soberania para a China, o que era uma coisa na qual, antes, não se conseguia acreditar”, o escritor lamentava na entrevista a “falta de estratégia” portuguesa para o Oriente e sublinhava que é a presença portuguesa em Macau que “mantém o segundo sistema” em funcionamento. Para Senna Fernandes, a presença portuguesa em Macau é essencial à manutenção do modo de vida local, por isso sentiu “receios” a poucos anos da transferência da Administração para a China e mágoa pelo desaparecimento dos símbolos portugueses de Macau.

DE OLHOS EM PORTUGAL. “Receava não ter este espaço e ambiente, porque nos últimos anos da Administração portuguesa havia os chamados fundamentalistas que falavam contra os portugueses”, afirmava, justificando assim a atitude de muitas famílias macaenses que, naquele

portugueses", afirmava, justificando assim a atitude de muitas famílias macaenses que, naquele tempo, "compraram casa em Portugal".
Henrique de Senna Fernandes diz-se também magoado com a "pressa com que as pessoas se dirigiram para o aeroporto na noite de 19 para 20 de Dezembro de 1999" - logo a seguir à transferência de poderes - deixando para trás uma "sensação de abandono" aos portugueses que optaram por continuar em Macau.
Por isso, defendia que "Portugal devia olhar mais para Macau em vez de estar sempre virado para África". Defendia a vinda de "mais empresários que se interessassem pela conquista dos mercados da região e que houvesse um maior intercâmbio".
Do seu passado, apesar de algumas dificuldades, Henrique Senna Fernandes "não mudava nada". Quanto ao futuro de Macau, temia que o desenvolvimento e a abertura de novos casinos destruam a identidade do território embora acredita que, se a cidade "resistiu 400 anos", poderá continuar a resistir a mais este passo de desenvolvimento.
Como natural de Macau que tem como "pátria todo o mundo português", Henrique Senna Fernandes não resistia a picardias e sublinhava com um sonoro "vão para o raio que os parta" quando confrontado com declarações de macaenses imigrados, que sustentam que a salvação da cultura macaense está na diáspora.
"Macau é que tem de congregar todos os macaenses. Não são só os de São Francisco, Toronto ou Lisboa, mas todos. Macau representa todos os macaenses e que fique bem claro que Macau é a casa-mãe para todos os que estão espalhados pelo mundo", afirmava.

Discurso directo

[Respondendo à pergunta: "É um macaense que continua a defender a sua pátria portuguesa?]

-"Se calhar essa pergunta não seria feita a um português nascido em Portugal. Em qualquer dos casos, nós temos os nossos símbolos e não é pelo facto de ter nascido em Macau que deixei de amar uma pátria. Eu preciso de uma pátria, que tenho, e da qual sempre gostei e fui criado a amar. Nas escolas aprendíamos a amar Portugal. Aprendíamos coisas portuguesas, e a conhecer o seu significado. Mesmo coisas agrícolas, como o adro ou o arado... sabia lá eu o que era o arado! Temos sempre presentes os símbolos portugueses, como a bandeira e a pátria em si. A pátria é muito mais do que apenas aquele rectângulo."

-"Uma coisa de que tínhamos medo era que, depois da transferência de soberania, os portugueses partissem em massa. Mas como se viu, não foi assim. Ficou uma elite em Macau e de Portugal continuou a vir gente. Todos eles são bem acolhidos. Ainda há muitos portugueses em Macau, nascidos, radicados ou que vieram de Portugal. Basta ver os almoços do Clube Militar. A presença portuguesa em Macau tem de ser aquilo que é, porque Macau precisa dos portugueses. Somos nós, portugueses, que mantemos o segundo sistema."

[Alto] [Anterior] [Voltar]

HOME . E-MAIL SERVIÇO GERAL . E-MAIL SERVIÇOS ADMINISTRATIVOS . FICHA TÉCNICA . EDIÇÕES ANTERIORES . PUBLICIDADE . PRIMEIRA

Passagem para Portugal
Campinas a Lisboa com TAP em até 5x Sem Juros. Faça Agora sua Reserva!
www.FlyTAP.com/Brasil

Copyright (c) Jornal Tribuna de Macau, All rights reserved
Design and maintainence by Directel Macau Ltd